

Falar de Deus

Teologia, linguagem e interpretação

Agemir Bavaresco | Rogel E. Oliveira (Orgs.)



Introdução:

Falar de Deus - possibilidades e limites

*Agemir Bavaresco*¹

*Rogel E. Oliveira*²

A relação entre *teologia* - ou Deus, fé, religião - e *linguagem* tem sido objeto de reflexão há muito tempo e por muitos pensadores renomados. Bastaria lembrar aqui o tratamento minucioso e sistemático com que Tomás de Aquino, em sua *Suma Teológica*, aborda a questão dos “nomes divinos” e da “analogia” da linguagem teológica; ou a defesa da “apófase” (negação) e até do “silêncio” na tradição da teologia negativa, esposada por um Dionísio Areopagita ou Maimônides. Mais recentemente, autores tão diversos como Karl Barth, Paul Tillich, L. Wittgenstein, D. Z. Phillips, Antony Flew, A. J. Ayer, Rosemary Ruether e William Alston, entre muitos outros, debruçaram-se sobre as (im)possibilidades e limites de se falar de Deus. A relação teologia-linguagem certamente nos remete também para a importante questão da hermenêutica, ou seja, da *interpretação*. Aí, nomes recentes como P. Ricoeur, C. Geffré e W. Pannenberg, por exemplo, logo nos vêm à mente.

Os textos que foram reunidos na presente obra querem também contribuir para a reflexão desta questão milenar. Foram

¹ Formado em Filosofia, Direito e Teologia. Doutor em Filosofia pela Universidade Paris I. Atualmente é Professor no PPG Filosofia e no PPG Teologia da PUCRS. Pesquisa a partir de um viés interdisciplinar nas áreas de Filosofia Moderna, Filosofia Social e Filosofia Política Brasileira. Dedicar-se a atualização do tema Contradições da Democracia e Opinião Pública.

² Formado em Filosofia (UFRGS) e Teologia (Seminário Teológico Batista do RS). Doutor em Filosofia pela PUCRS, com estágio na Rutgers University (EUA). Atualmente é pós-doutorando PNPd-CAPES no PPG em Filosofia da Escola de Humanidades da PUCRS. Atua, entre outras áreas, em Epistemologia e Filosofia da Religião. E-mail: rogeleoliveira@gmail.com

todos elaborados a partir de um seminário sobre “Teologia e Linguagem”, ministrado no segundo semestre de 2017, no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Dois desses textos foram escritos em coautoria com professores desse Programa, mas os autores principais de todos os artigos são doutorandos e mestrandos que cursaram aquele seminário. O resultado não poderia ser mais rico e diversificado – eles abordam desde questões de interpretação, passando por defesas de chaves interpretativas em Karl Barth, Claude Geffré, o método histórico-crítico e o *Sensus Fidei*, até uma crítica da teologia feminista ao vocabulário teológico e seu uso adequado na cibernética! Todos os textos, entretanto, têm uma coisa em comum: a linguagem e sua relação/aplicação em assuntos teológicos.

O primeiro texto, “Em diálogo com o axioma teológico de Karl Barth”, de autoria de Thiago De Moliner Eufrásio e do professor Dr. Geraldo Luiz Borges Hackmann, é assim resumido por seus autores: “A teologia do século XX foi testemunha de grandes avanços e do surgimento de grandes expoentes, entre eles Karl Barth. O axioma teológico apresentado por ele, fundamentado no primeiro mandamento do Decálogo, pretende ter força reguladora e crítica na teologia. Deve auxiliá-la em sua investigação para que se mantenha fiel a sua vocação e tenha presente os limites de sua abertura. Trata-se de um critério hermenêutico para assegurar a fidelidade da tarefa teológica. Na encíclica *Fides et Ratio* e na instrução *Donum Veritatis* é possível destacar elementos que possibilitam um diálogo com a proposição oferecida por Barth. A busca por uma linguagem teológica fiel a sua identidade, rigorosa e plausível aos seus diferentes interlocutores pode ser compreendida como o grande desafio de amadurecimento da ciência teológica em um cenário de pluralidades”.

O segundo texto ou capítulo tem como título “Hermenêutica do evento Jesus de Nazaré em Claude Geffré”, de autoria de Janaína Santos Reus Freitas e do professor Dr. Leandro Luis Bedin Fontana.

Assim os autores resumem seu conteúdo: “Partindo da virada hermenêutica da teologia, tal como proposta por Claude Geffré, empreende-se uma busca pelo lugar e significado do evento Jesus de Nazaré em sua abordagem teológica. O objetivo da pesquisa é propor a uma reflexão que, de um lado, busque fazer justiça ao evento fundante Jesus de Nazaré e, de outro, leve em conta a exigência de atualização da experiência de fé nos dias atuais. Empregando o método proposto por Geffré, o presente estudo destacará, obviamente, a centralidade do evento Jesus Cristo para o cristianismo, mas também a complexidade inerente a qualquer tentativa de acesso a esse evento ou mesmo de tradução dessa experiência-fonte para uma linguagem compreensível em tempos atuais”.

O terceiro capítulo, de autoria de Mário Benachio Auzani, intitula-se “Método histórico-crítico: traços de sua história, valores e limites”. Eis o resumo, pelas palavras do próprio autor: “A interpretação da Palavra de Deus sempre constituiu um desafio aos Cristãos de todos os tempos. Nesse sentido, ferramentas no auxílio a essa tarefa central foram sendo desenvolvidas. Dentre estas figura o conjunto de métodos denominado Método Histórico – Crítico. Com raízes na antiguidade, aperfeiçoou-se com o passar do tempo, alcançando momentos áureos, com foro de Método Científico. O presente artigo almeja, de maneira sucinta, lançar um olhar sobre essa trajetória, buscando as raízes desse Método, seus valores e limites, passando por suas etapas de desenvolvimento, bem como pela consideração às críticas que recebeu. Nesse sentido, será tratado sobre o Método Canônico de interpretação, o qual, enquanto conjunto de métodos exegéticos, quer ser visto aqui não como uma crítica ao Método Histórico – Crítico, mas como uma oportuna complementação às suas lacunas”.

O autor do quarto capítulo é Joancio Fernando Bauwelz. Seu texto tem como título “*Sensus Fidei*: o garante da participação do fiel leigo na interpretação da igreja”. Assim ele o resume: “A Comissão Teológica Internacional lançou novas provocações sobre

o espaço existente para o fiel leigo na interpretação dos mistérios da fé e da Palavra de Deus no contexto de unidade com a Igreja Católica, quando publicou em 2014 o documento intitulado *O sensus Fidei na vida da Igreja*. Um amplo debate movimentou as discussões sobre a participação dos fiéis na formação da doutrina da fé e na sua transmissão. O conceito de *sensus Fidei* alicerça a relação do crente leigo com aqueles que exercem o ministério magisterial. Os dois, porém, recebem o mesmo *habitus fidei* próprio do dom recebido no sacramento do batismo”.

No quinto capítulo, temos o texto de Marcia Koffermann, “A linguagem de fé nos escritos de Joseph Ratzinger”. Na sua introdução, Marcia dá um esboço do conteúdo de seu artigo: “Joseph Ratzinger, ao longo dos anos, como Professor de Teologia, como Cardeal e posteriormente como Papa, apresenta uma preocupação constante que é a realidade da fé, como esta é vivida, transmitida e compreendida no mundo de hoje. Um elemento fundamental em relação à fé é a questão da linguagem, assim, este artigo busca, a partir da análise de sua bibliografia e magistério, responder ao questionamento: ‘Como o Cardeal Joseph Ratzinger aborda o problema da Linguagem da Fé em seus escritos?’. Considerando os seus escritos, foram levantados três pontos essenciais sobre os quais o Cardeal Ratzinger se manifesta: A possibilidade humana de falar sobre Deus; A linguagem Bíblica e Como falar de Deus hoje”.

No sexto capítulo, quem assina o artigo “Do modo de enunciar Deus: um retorno à crítica ruetheriana e o desafio da complementariedade” é Elisangela P. Machado. Assim ela o resume: “Talvez dois dos maiores desafios de nosso tempo sejam o equilíbrio e a profundidade. Na teologia a Igreja é desafiada cada vez mais a considerar que as mulheres existem. Elas são parte da maioria dos religiosos e dos fiéis; uma parte constitutiva e específica da tradição cristã desde as origens. Ora, seja qual for o sistema religioso, a linguagem em relação ao mistério supremo, à verdade e às normas estabelecidas é o ponto máximo de referência para a compreensão da vida e do mundo dos que nele se envolvem, participam e

assumem em sua orientação. Desse modo, o texto que segue irá expor uma crítica da dessemelhança existente entre Deus e as palavras humanas empregadas para referir-se a Deus, mais especificamente, no contexto religioso patriarcal judaico-cristão. Uma reflexão oriunda de duas teólogas feministas, Rosemary Ruether e Elizabeth Johnson, que em parceria com mulheres de seu tempo, anseiam por uma linguagem mais inclusiva e justa no que diz respeito ao feminino no universo da religião e do seu protagonismo dentro da Igreja. É preciso estímulo intelectual e maturação para repensar o feminismo cristão e a complementariedade na Igreja, hoje, diluídos em críticas ideológicas destituídas de Espírito e de conversão relacional. Uma investigação relevante para os nossos dias, em nossa sociedade caracterizada pela abertura e desorientação, no que diz respeito ao papel do homem e da mulher no mundo”.

O sétimo capítulo intitula-se “O símbolo na linguagem religiosa”, de autoria de Wilner Charles. Na introdução, o autor o sintetiza nestes termos: "Este trabalho aborda a temática do símbolo na linguagem religiosa. Definimos o símbolo como a representação de uma ausência. A linguagem religiosa é concebida como uma linguagem baseada na fé, na experiência individual e coletiva. Nesta breve reflexão a nossa curiosidade é saber ‘qual é o papel dos símbolos na linguagem religiosa?’ Esta interrogação é o que tentaremos responder ao longo de nossa discussão. Entretanto, já supomos que o papel dos símbolos na linguagem religiosa é representativo. Ele aponta para algo ou uma realidade que ele mesmo não é, mas participa, faz parte desta realidade que ele aponta. A linguagem religiosa por si é uma linguagem simbólica por ser referida a algo além de si mesma”.

Já o oitavo e último capítulo, “Como falar de Deus na era digital? Questões de linguagem teológica e cibernética”, tem como autora Aline Amaro da Silva. Ela assim resume seu texto: “O presente artigo apresenta a relação entre comunicação, revelação e teologia, sendo a linguagem uma questão fundamental para

repensá-las à luz da cultura digital. Analisa, portanto, as mudanças na comunicação, na linguagem e na visão da Igreja Católica sobre os meios digitais para verificar se ela está adaptando a mensagem da revelação à cibercultura a fim de ser compreendida pelos nativos digitais. Na busca de realizar a tarefa da teologia de interpretar e comunicar a fé cristã, elabora-se a ciberteologia como uma teologia hermenêutica cuja chave interpretativa é a rede. O artigo se baseia nas obras de Antonio Spadaro que desenvolve o conceito de ciberteologia – pensar o cristianismo nos tempos da rede. Além disso, tem como fundamento as pesquisas anteriores da autora, seu trabalho de conclusão do curso de jornalismo ‘Igreja e cultura digital: a nova evangelização dos nativos virtuais’ (2011) e sua dissertação de mestrado em teologia ‘Cibergraça: fé, evangelização e comunhão nos tempos da rede’ (2015)”.

Com esta obra, objetivamos não somente promover e valorizar a publicação discente dos programas de pós-graduação, como, acima de tudo, compartilhar com um público maior a riqueza das pesquisas efetuadas por nossos doutorandos e mestrados, num país que tanto carece desta divulgação. Agradecemos a todos que apoiaram esta iniciativa, especialmente ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Escola de Humanidades da PUCRS!

Que o(a) leitor(a) aproveite as páginas que se seguem!

Porto Alegre, Abril de 2018.